

## 1- Introdução

O tema desta dissertação de mestrado é a idéia do bem<sup>1</sup> na *República* de Platão, apresentado nas imagens do Sol (505a-509b), da Linha (509d-511e) e da Caverna (514a-521b; 531c-535a). Neste diálogo, aclamado como uma das máximas criações do gênio platônico, a busca pela definição da justiça leva os interlocutores a sucessivas ondas argumentativas, de dificuldade e complexidade crescente, no esforço de descrever em palavras os contornos da cidade ideal. Após ter explicado a igualdade das mulheres (451e) e a comunidade de mulheres e crianças dos guardiães (457d), a terceira e mais difícil das ondas é a tese segundo a qual os filósofos devem ser reis ou os reis filósofos, e é exatamente sobre o fundamento desta afirmação de difícil aceitação, a idéia do bem, que me deterei.

Esta insólita tese socrática surge na reflexão sobre a realizabilidade do estado justo tal como Sócrates se põe a descrever ao longo do livro V. Neste momento, trata-se de saber “como esta constituição é possível, e de que maneira o será.” (471c)<sup>2</sup>

Momento central não só do diálogo, mas pedra de toque do platonismo canônico, a idéia do bem conjuga em si a articulação máxima do argumento

---

<sup>1</sup> Convém notar que “o bem” é uma tradução equívoca de *to agathon*, que é um adjetivo neutro substantivado, portanto “o bom”, exatamente como se traduz *to kalon* por “o belo”, *to diakaion* por “o justo” e assim por diante, a fim de se manter o valor originariamente qualitativo-predicativo do léxico platônico das idéias, caracterizado também pelo sintagma *auto to-*. Contudo, para não causar o estranhamento que a expressão “idéia do bom” pode suscitar, mantenho a tradução de *to agathon* por “bem”, como tradicionalmente se utiliza nas línguas neolatinas. Grafo “bem” com minúscula, para evitar a interpretação teológica, herdeira do neoplatonismo, que o escreve com maiúscula com o intuito de marcar sua majestade e superioridade na metafísica platônica, ligando-o à divindade. Cf. nota 1 de VEGETTI, M., *Megiston Mathema. L'idea del 'buono e le sue funzione*. In: PLATONE. *La Repubblica* vol.V Traduzione e commento di M.Vegetti. Bibliopolis, 2003. pp. .253-286. p.253; nota 117 de *Platon, République*, traduction, presentation et notes par George Leroux, Paris, GF Flammarion, 2004, p 667.

<sup>2</sup> Salvo indicação em contrário, todos os passos citados são da *República*, traduzidos por Maria Helena da Rocha Pereira: *Platão.A República*. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. As demais edições utilizadas constam na bibliografia.

político-epistemológico-ontológico de Platão, sendo a verdadeira base de sua ética e metafísica do período intermediário, o fundamento mesmo da teoria das idéias.

Além de basear a ética e a política na teoria das formas, a idéia do bem funda a própria teoria das formas. Eis as afirmações com que Platão a define:

(1) Ela é o que concede inteligibilidade a todos os seres e inteligência aos homens que almejam conhecê-los (508e);

(2) Sem esta idéia nada mais seria bom e nenhum conhecimento benéfico aos homens (Rep. 505-6);

(3) Ela é a causa da verdade e do conhecimento (508e);

(4) Desta idéia é que os objetos do conhecimento recebem o seu ser e a sua essência (509b);

(5) Ela, entretanto, com a essência não se identifica, mas a transcende em dignidade e poder (509b);

(6) Sem esta idéia carece de consistência até mesmo o conhecimento matemático, quando não apoiado no princípio *anhipotético* que lhe permite fundar as hipóteses (511, 532-533)

Estas definições hiperbólicas, como as considerará Glauco em 509a, constantes explicitamente no texto platônico indicam a magnitude que Platão atribuiu à idéia do bem, que pode ser considerada a questão filosófica mais importante de seu pensamento da fase intermediária, uma vez que a desconhecer implica em não se poder saber se algo é bom, assim como em invalidar todos os outros conhecimentos (505b).

Assim, este “estudo mais elevado” não pode ignorar o rei-filósofo, exatamente porque sem ele o governante não poderia identificar a *utilidade* e a *vantagem*, em uma palavra, o *bem* de cada coisa, a razão de ser e o *telos* de tudo, da vida humana, da pólis e tudo que a compõe, logo incapaz de implementar a justiça, já definida, anteriormente em 433a, como a adequação de cada coisa à sua *função* específica.

Portanto, este *megiston mathema*, ápice e fundamento da educação dos governantes há de ser o próprio *telos* da dialética, o conhecimento filosófico por excelência: não lhes basta aprender o que seja a justiça, a temperança, a coragem e a sabedoria, tal como definidas no livro IV, de nada lhes seria útil, sem a apreensão do que seja a idéia do bem, o *princípio anhipotético* (510b).

A despeito de sua incontestável importância, a idéia do bem não é facilmente entendida. Estas “falas obscuras”<sup>3</sup>, com as quais Platão se refere a ele, granjearam desde a antiguidade o reconhecimento de incompreensibilidade e insondabilidade que as permeia.

O que vem a ser tão hiperbólica e extravagante noção? Que concepção de idéia do bem tinha Platão ao conceder-lhe suprema importância, tendo-a como a *causa* de toda ação humana, a *causa* da inteligibilidade da realidade e, ainda, a essência e o ser das formas? De que tipo de causalidade se trata?

A despeito de sua importância fundamental, Platão não a define diretamente, recorrendo à *via indireta da alegoria, da analogia em forma de imagem*. O discurso oblíquo da idéia do bem se encontra exposto no famoso tríptico analógico do Sol, da Linha e da Caverna. Por que Platão se valeu do recurso retórico da linguagem metafórica para expor a sua mais importante concepção? Cada uma destas célebres imagens compõe a complexa explanação de sua ética, política e ontoepistemologia, nos livros centrais da *República*.

Os comentadores de Platão habituaram-se à dificuldade de lidar com estas passagens, encontrando desafios interpretativos muitas vezes tidos como intransponíveis, tendo-se produzido, por isso, uma abundante bibliografia a respeito destes passos centrais da *República*. Na nota 142 do Livro VI de seu comentário à *República*, Leroux nos lembra que a erudição formada ao longo da tradição platônica sobre a passagem da Linha é a que mais interpretações acumulou quando comparada com qualquer outro passo do corpus platônico.<sup>4</sup>

De fato, trata-se de textos inexauríveis pela irreduzível abertura filosófica que lhes é inerente, resultando inevitável “polissemia teórica”, como explica Vegetti:

I testi platonici sull'idea del buono e sulla dialettica sono testi aperti, 'open-ended' di cui si dichiara a più riprese il carattere sperimentale, 'tentative', sistematicamente insaturo.

<sup>3</sup> A expressão é de G. SANTAS, *The form of the good in Plato's Republic*. In: FINE, G (ed.) *Plato 1: metaphysics and epistemology*. New York: Oxford University Press, 1999. pp. 247-274. p. 247

<sup>4</sup> Cf. *Platón, République*, traduction et présentation par George Leroux, Paris, GF Flammarion, 2004, p 672

La polisemia teorica è dunque un aspetto essenziale di questa apertura, che consegna i testi dialogici al gioco delle interpretazioni.<sup>5</sup>

Consciente da existência de uma inabarcável bibliografia sobre o tema, analiso a produção mais recente sobre esta questão, comparando-a, no que for pertinente, às interpretações solidificadas, principalmente à indispensável leitura de Robinson, no seu clássico *Plato's early dialectic*, cuja influência neste trabalho é grande. Tomando-as como *guias*, valho-me, sobretudo, da inestimável contribuição de Monique Dixsaut e Mario Vegetti, que souberam mapear as diversas correntes interpretativas e posicionar-se, com rigor analítico-filológico e coerência filosófica, sobre o sentido da *idéia do bem* na *República*. A meu ver, trata-se de dois dos mais consistentes intérpretes contemporâneos, mais perseverantes, pois solidificaram as suas análises ao se voltarem renovadamente à questão do bem em diversos livros e artigos<sup>6</sup>, sempre buscando uma compreensão aprofundada e ampliada, sobretudo por contextualizá-la no âmbito específico da *República*. Dixsaut soube, de modo percuciente, interpretar *a função e o sentido da imagem* na exposição sobre o bem, sua dimensão *metafórica e analógica*<sup>7</sup>, além de ligar indissolúvelmente o bem à dialética, seu correlato metodológico. A tradução comentada por Vegetti é hoje referência indispensável aos estudiosos da *República*. Sigo-o nos passos fundamentais desta dissertação, sobretudo pela cuidadosa atenção à dimensão prática, ético-política, da postulação da *idéia do bem*, de sua função de justificação do poder político dos filósofos-dialéticos, cuja hegemonia política corresponde à supremacia ontológica do bem e à superioridade epistemológica da dialética. Compreender a complexa relação entre poder político, prudência ética, fundamento da dimensão ontológica e conhecimento dialético é a tarefa, ousada, desta dissertação, que terá atingido o seu objetivo se lograr articular as três imagens numa unidade de sentido, evidenciada, exatamente, pela *idéia do bem*.

Esta é, de fato, a primeira premissa do meu trabalho: as analogias do Sol, Linha e Caverna são contínuas e indissociáveis, compondo um todo harmônico e

<sup>5</sup> VEGETTI, M *Introduzione ai libri VI e VII*. In: *Platone. La Repubblica vol.V* Traduzione e commento di M.Vegetti. Bibliopolis, 2003. p.33

<sup>6</sup> Para a relação de seus trabalhos sobre a *idéia do bem* cf. bibliografia.

<sup>7</sup> DIXSAUT, Monique. *L'analogie intenable: le Soleil et le bien*. In: *Platon et la question de la pensée*. Paris: Vrin, 2000.

coeso entre si. Com isso, não quero dizer que cada imagem tenha o mesmo significado, porém que elas se completam mutuamente, dando inteligibilidade à noção da *idéia do bem*, nos seus múltiplos aspectos. Assim, acredito que elas se correspondem, ainda que não de forma absoluta, em termos de uma analogia formal, onde cada seção de um termo encontra equivalência exata no do outro. O próprio Sócrates pede que se aplique à alegoria da Caverna o que foi dito antes (517b), uma vez que as imagens anteriores, do Sol e da Linha, serão expressamente recuperadas, articuladas e explicadas.

Após apresentar o contexto em que surge tal *idéia*, no capítulo 2, outra questão importante que elaboro na dissertação, no capítulo 3, é a relevância do uso de imagem e sua função na explicação da *idéia do bem*. Interessa investigar essa questão porque este *método* de argumentação contradiz diretamente a própria *metodologia dialética* que Platão propõe, a qual não se deve valer de imagens - e é a partir propriamente de três imagens que ele expressa a *idéia do bem*. A apresentação imagética da *idéia do bem* não é aleatória – como, aliás, nada no diálogo platônico<sup>8</sup> -, e desempenha um papel didático determinante na sua compreensão, consoante o contexto do diálogo, de convencimento retórico da necessidade do governo dos filósofos, pela força persuasiva que encerra. Com efeito, tento mostrar como o uso de imagens é imprescindível para a efetiva comunicação com interlocutores que ainda desconhecem a *potência dialética*. O seu objetivo é mostrar-lhes, ainda que não dialeticamente, a existência de um método diferenciado, capaz de atingir realidades superiores, as *idéias*, cujo conhecimento resulta numa modalidade *epistêmica* de saber, que, por prescindir de imagens, supera o opinativo-sensitivo, da *doxa*.

O capítulo 4 trata da analogia do Sol. A primeira explicação sobre a *idéia do bem* se dá pela exposição de sua *função*, pela maneira como ela é a *causa do conhecimento*; metaforicamente, do Sol se diz que ele emana luz, que é a causa da visibilidade. Nesta parte, o meu objetivo é analisar a estrutura da *ordenação causal da idéia do bem*.

Na analogia da Linha, estudada no capítulo 5, divide-se a realidade em *topos* ontológicos, graduando-se os modos de conhecê-los. A *idéia do bem*

---

<sup>8</sup> Lembremos do que dizia Heidegger: “Nichts in einem Platonischen Dialog, sei es auch scheinbar noch so lächerlich und unsinnig, ist ohne Bedeutung.“ (*Zu Platons Theätet*)

encontra correspondência implícita com o princípio anhipotético, situado no topo do diagrama, como ápice do conhecimento. Esta parte tem como objeto entender, pontualmente, como se dá a transição da explicação causal à demonstração dos níveis ontológicos da realidade, a fim de sublinhar a *posição* do bem neste contexto, e o que distingue a *noesis dialética* da *dianoia matemática* no que concerne ao uso de hipóteses.

Na analogia da Caverna, tema do capítulo 6, *a dialética do bem* pode ser entendida como a *experiência moral* de libertação da Caverna, pela atuação da *força paidêutica* de reconhecimento do caráter reflexo e artificial das imagens projetadas no seu interior, o que impulsiona a *escalada dialética*, cujo *telos* é atingir *a essência do bem*, o Sol que brilha no exterior da Caverna. A educação platônica descrita nesta alegoria é a aquisição da capacidade dialética, único saber capaz de *fundar* sobre o *bem* o conhecimento ético-político, assegurando a justiça na alma e na polis.

Por fim, observo uma questão metodológica determinante: esta dissertação é um estudo limitado a um único diálogo, a *República*. Mantenho-me concentrado nele, não só pela impossibilidade, numa pesquisa de mestrado, de um estudo detido de vários diálogos, mas também pela opção metodológica de buscar compreender o contexto dialógico-argumentativo em que está inserida a idéia do bem, consoante a noção de *Kontextbezogenheit*, elaborada por Blössner<sup>9</sup>, segundo a qual pode resultar artificioso, e contra a intenção literário-filosófica de Platão, explicar questões próprias a um diálogo recorrendo a outros, cujos *contextos* podem lhe ser alheios.

---

<sup>9</sup> Cf. BLÖSSNER, N. *Kontextbezogenheit und Argumentative Funktion: methodische Anmerkungen zur Platondeutung*. Ottawa: Revista „Hermes“, vol.126, n.2, 1998, pp. 189-201